

Apresentação

DOSSIÊ COMUNICAÇÃO E PENSAMENTO INDÍGENA

Dossier: Communication and Indigenous Thought

Dossier: Comunicación y Pensamiento Indígena

Ricardo de Jesus Machado¹
Paula Rasia Lira²
Renato S. Guimarães³
Andrielle Moura Mendes Guilherme⁴

DOI: 10.31501/esf.v3i34.16554

O presente dossiê tem como principal objetivo dar visibilidade às formas de pensamento e cosmovisões indígenas no fazer epistemológico, de diversas áreas, especialmente do campo da Comunicação. Parte-se da premissa de que a diversidade dos pensamentos indígenas e suas formas de perceber e praticar a comunicação abrem caminhos para a efetivação de um diálogo interétnico, do qual advêm saberes, conceitos e abordagens que carregam dentro de si sementes capazes de propagar formas alternativas de pensar, criar e se relacionar com o mundo.

O volume de artigos submetidos ao Dossiê confirma a hipótese: a comunicação e o pensamento indígena, em suas múltiplas manifestações, são temas em franca consolidação dentro dos estudos comunicacionais e interdisciplinares. Como veremos neste número da *Esferas*, tal fenômeno se

¹ Doutor; Universidade Federal do Oeste da Bahia, Santa Maria da Vitória, BA, Brasil. ricomachado@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6141-5168>

² Doutora; Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. paularasia@usp.br | <https://orcid.org/0000-0003-2077-1948>

³ Doutor; Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Paris, França. resgui@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3423-9306>

⁴ Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. andriellecmmg@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8977-4357>.

Artigo submetido em: novembro/2025. Aprovado em: dezembro/2025

Esferas, ano 15, vol. 03, nº 34, setembro/dezembro de 2025 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma [Licença Creative Commons](#)



Apresentação

expressa pela riqueza e pluralidade dos trabalhos recebidos, que abrangem diferentes temas, recortes teóricos, enfoques metodológicos, contextos socioculturais e objetos de estudo, refletindo a potência e a amplitude do campo epistemológico em construção.

Muitos autores estão preocupados em analisar como os indígenas mobilizam sentidos a partir de práticas midiático-comunicacionais para disseminar narrativas, amplificar vozes, enfrentar imagens de controle (generalizantes, redutoras, discriminatórias, racistas), exercitar a autodeterminação, buscar uma autorrepresentação/autorreparação, entre outras finalidades e propósitos.

Para alargar ainda mais o campo de visão, o Dossiê Comunicação e Pensamento Indígena nos convoca a não parar no “fazer”, mas a reparar também no “sentipensar” a comunicação a partir de uma mirada mais originária e original. Neste contexto, as pessoas indígenas são protagonistas em sentido profundo, figurando não apenas como produtores e realizadores, mas também como pensadores, criadores de novos horizontes de análise e pesquisa.

Neste Dossiê, autores indígenas aparecem como referências, ao lado de teóricos considerados canônicos dentro do campo da Comunicação, numa demonstração de que o olhar da ciência se amplia ao incorporar outras perspectivas. Intelectuais e artistas como Daiara Tukano, Marcelo Costa Cuhexê Krahô, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Gersem Baniwa, Célia Correa Xakriabá, Andrielle Mendes Guilherme, João Paulo Barreto, Renata Tupinambá compõem, junto com outros, um corpo intelectual, cujo pensamento complexo é oriundo da força deste território chamado Brasil.

A expectativa é que o dossiê possa contribuir para a promoção de uma maior pluralidade científica ao visibilizar o pensamento de autores que, até décadas atrás, não apareciam na bibliografia

Apresentação

dos cursos de Comunicação Social, Educação, Ciências Sociais, Filosofia e Antropologia. Este cenário, contudo, tem sido transformado por dentro e por fora, incorporando nos componentes curriculares as formas de saber dos povos originários também como uma maneira de enfrentar o epistemicídio e fomentar uma maior justiça epistêmica e social.

Daiara Tukano, em aula intitulada *Somos o povo da transformação*, ministrada na Universidade de Brasília (UnB) para os alunos de Estética da Comunicação, mescla sua biografia à cosmovisão do povo Tukano, mas não só. Ela mostra como “a maior mobilização indígena do planeta”, o Acampamento Terra Livre (ATL), que ocorre anualmente no mês de abril, no Eixo Monumental em Brasília, passa praticamente despercebida no país. Ela também fala de sua visão comunicacional a partir da Rádio Yandê, mas também de política, estética, história e tecnologia.

Em entrevista exclusiva para este número da Esferas, o cineasta e jornalista indígena Marcelo Costa Cuhexê Krahô fala sobre sua trajetória no texto *A lança indígena do cinema contra a guerra infinita do colonialismo*. A conversa, que trata sobre a importância da comunicação e do pensamento indígena contra o projeto colonial, foi conduzida por Ricardo de Jesus Machado.

No texto *Comunicação, Alteridade e Políticas de Permanência: O Pensamento de Edson Kayapó*, Larissa Caldeira de Fraga, Felipe Silva da Rocha e Deivison Moacir Cezar de Campos nos apresentam ao pensamento do pesquisador e ativista indígena Edson Kayapó. Nesta entrevista, os autores discutem como a comunicação retrata a alteridade e como as políticas de permanência nas universidades podem ser praticadas com efetividade.

Apresentação

Raquel Gomes Carneiro e Cláudio Henrique Vieira abordam, no artigo *Etnomídias indígenas e a artesanaria na produção do conhecimento*, o conhecer como um fazer político-comunicacional que, no caso indígena, orienta-se para além da lógica colonial, na qual a autorrepresentação midiática está no centro dessa luta. Os autores veem nesse desejo de existir indígena, ancestral, a valorização do pluralismo epistemológico onde as imagens e sons permanecem vivos pois existem em outra territorialidade/temporalidade, daí a necessidade da “apropriação do espaço digital”.

Em *Contribuições do pensamento indígena para a Comunicação: O arco comunicacional*, artigo da pesquisadora indígena Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme, o debate orbita em torno da justiça epistêmica em relação às cosmologias e conhecimentos dos povos indígenas, propondo a incorporação de conceitos e categorias indígenas na análise de fenômenos comunicacionais.

As etnias Munduruku, Kayapó, Xikrin, Tembé, Tapajó e Assurini são apresentadas por Rodolfo Silva Marques no artigo *Reexistência e Narrativas Decoloniais: Epistemologias Indígenas no Pará e Resistência*, no qual foi analisado os impactos da colonialidade sobre povos indígenas, destacando suas resistências epistemológicas e culturais, e suas lutas por autonomia e reconhecimento nas formas plurais de existência.

O Artigo, *Política Encorpada: Identidades eleitorais de indígenas mulheres no Instagram*, de autoria de Nicoli Tassis, Jussara Maia, Denise Prado e Daniela Matos, discute de maneira aprofundada as identidades eleitorais das quatro candidatas autodeclaradas indígenas eleitas para a Câmara dos Deputados, no Congresso Federal. A análise centra-se no agenciamento da corporalidade para a constituição das identidades na relação com pares e projetos políticos.

Apresentação

No trabalho *Alteridade e Reflorestamento das Subjetividades no Pensamento Visual de Uýra Sodoma*, Fernando Gonçalves analisa o pensamento visual da artista Uýra e suas estratégias para ampliar as atuais discussões sobre o direito à vida e à diferença ao conectar a crise ambiental na Amazônia às problemáticas da diversidade sexual.

A cosmovisão Yanomami é discutida por Larissa Leda F. Rocha, Flávia de Almeida Moura, Ramon Bezerra Costa no artigo *Sonhar para Comunicar: A Experiência Onírica Yanomami e a Comunicação*, no qual a experiência onírica é incluída no campo comunicacional, à medida que nos permitem almejar outros modos de formular os objetos de estudo na Comunicação, priorizando a relação, a vinculação de modo a ampliar os processos de constituição dos sujeitos.

A inseparabilidade entre humano e natureza é abordada por Sandro Colferai, no artigo *Epistemologias indígenas e comunicação: para pensar o campo a partir da Amazônia*, que propõe uma perspectiva amazônica da Comunicação a partir das práticas comunicativas e conectivas de povos indígenas que vivem na região, como o povo Ashaninka e o povo Suruí.

As práticas comunicativas Yanomami também são analisadas por Evandro Laia no artigo *Notas para um modelo conectivo de comunicação a partir do xamanismo Yanomami*. O autor discute a comunicação como coabitação e metamorfose entre humanos e não humanos, a partir da articulação entre a Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour, e o xamanismo Yanomami, e conclui que comunicar é coabitar, e transformar-se junto com o outro – seja ele humano, animal, vegetal, mineral ou digital.

Em *A Dimensão da Preocupação com o Outro a partir de Comunicadores Indígenas*, Lara Linhalis Guimarães busca compreender como a preocupação com o Outro se manifesta na atuação de

Apresentação

comunicadores indígenas. Diante disso, parte da “ética da predação”, como categoria analítica dos povos Wari’, reinterpretada como uma “ecologia da cuidação”.

O artigo *Etnocomunicação indígena e decolonialidade: práticas Yanomami nas redes sociais*, de Vilso Junior Santi e Isabela Bastos Pio, discute a presença das vozes indígenas nas mídias digitais como parte da ruptura com os modelos coloniais de comunicação a partir de experiências etnocomunicacionais Yanomami na plataforma X e no *Instagram*, e analisa como tais vivências se configuram como instrumentos de decolonização do comunicacional.

No Artigo *Colonialidade Algorítmica e Insurgência Indígena: Dados, Território e Cosmopolíticas na Amazônia*, Tiago Negrão de Andrade e Maria Cristina Gobbi analisam o atual regime colonial de expropriação que vem se reconfigurando com o processo de digitalização e seu potencial opressor que tem na governança algorítmica um novo modo, nas palavras dos autores, de “impor uma lógica técnico-científica que se choca com ontologias indígenas”. Daí a necessidade de uma insurgência de “reapropriação tecnopolítica” para reafirmar não só a presença, mas também a soberania indígena sobre seus territórios.

Rede Wayuri, Rádio Yandê e Programa de Índio da Rádio USP são três dos mais relevantes atores na luta pela apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). No artigo *Oralidade e Identidade: Uma linha do tempo da Etnomídia Indígena Sonora no Brasil*, Deyse Alini Moura e Luciano Victor Barros Maluy apresentam aspectos relevantes de cada uma destas iniciativas. Eles buscam refletir as especificidades de cada povo indígena, que nelas difundem suas respectivas cosmovisões. Os autores traçam a linha temporal do final do século XX à consolidação atual dos

Apresentação

movimentos indígenas, passando pela pandemia de COVID-19. Assim, revelam alternativas próprias na área da comunicação na luta pela emancipação.

O artigo *As Casas de Culturas Indígenas em Universidades e a Descolonização dos Currículos*, de Vitor Miranda Ciochetti e Paula Rasia Lira, analisa como a presença de Casas Indígenas em universidades públicas brasileiras fomentam estratégias de descolonização curricular. A análise parte de estudos na Casa de Culturas Indígenas (USP) e a Casa dos Saberes Ancestrais (Unicamp), demonstrando como a construção de edificações no interior dos campi fomentam diálogos interculturais entre saberes indígenas e científicos.

Ao reenquadrar cenários urbanos sob outros filtros e olhares, no ensaio visual *Vozes Indígenas*, Susana Dobal nos provoca a reparar no eco das vozes indígenas em um contexto urbano, destacando a relação entre o ambiente da cidade e a noção indígena de pertencimento, que aponta para outra maneira de ser, estar, se comunicar e existir no mundo.

Na seção *Artigos livres*, João Figueira apresenta o artigo *Estado Novo brasileiro e português unidos na repressão e censura à imprensa*. O texto aborda os dois regimes ditatoriais nos anos 1930, sob o governo de Getúlio Vargas e António de Oliveira Salazar, respectivamente, em suas semelhanças e diferenças, muito embora os ditadores jamais tenham se conhecido pessoalmente.

Em suma, este dossiê não apenas reúne reflexões sobre comunicação e pensamento indígena, mas atua ativamente em um campo de possibilidades epistemológicas, políticas e existenciais. Ao adentrar os diálogos construídos nos artigos, que atravessam temas como tecnologia, sonho, corporalidade, território e criação, compreendemos que a comunicação se afirma como um espaço

Apresentação

potente de reexistência, descolonização e invenção de mundos. Que os textos aqui apresentados sirvam como sementes, ampliando repertórios, questionando estruturas e inspirando, continuamente, novas formas de sentir, pensar e fazer comunicação.